

Os vasos comunicantes

Na teoria física da mecânica dos fluidos, o princípio dos « vasos comunicantes » se aplica a recipientes conectados em sua base e demonstra que, em cada um deles, apesar de suas características, a pressão exercida pelo fluido se homogeneiza. Em outras palavras, tanto faz a forma do recipiente, o nível de água permanece o mesmo.

Em seu texto eponímico de 1932, André Breton, leitor de Freud, tenta uma análise neste padrão de seus próprios sonhos. Recorre assim a este princípio para estabelecer as condições de uma circulação permanente entre o sonho e a realidade e tende a provar que a confusão de um com o outro poderia inaugurar uma profunda transformação social.

É sem dúvida neste equilíbrio contido entre realidade econômica e trabalho imaginário que a prática de Beatriz Toledo se situa. Com *Os vasos comunicantes*, ela encontra nestes princípios de correspondência e de equivalência uma regra do jogo que leva ela, pela primeira vez no seu trabalho, a investir o campo dos objetos e sua organização no espaço.

Frente a fotografias fixadas na parede, oriundas de seus arquivos pessoais dos últimos dez anos, a artista produz uma série de composições de objetos e detritos de ateliê, cuidadosamente dispostos. Idas e voltas constantes entre suas imagens de arquivo e seus gestos de escultura, em que ela compõe happenings precários, *in progress*, cuja instabilidade, modéstia e delicadeza são tantas especulações ligadas às noções de paisagem, de equilíbrio e de olhar. Aqui, ela explora, numa certa candura, a questão mesma da definição da arte, desde seu local de produção àquele de sua exposição.

Nesse jogo de analogia, ela posiciona o observador em um espaço indeciso e cria um vocabulário que se torna aquele de sua instalação; no qual os elementos reais como os das fotografias brincam uns com os outros, para finalmente elaborar um diálogo. Uma instalação-enigma afinal, que desenha, numa certa economia de gestos, os limites de um território que disponibiliza os elementos de uma narrativa ou de uma história a ser reconstruída.

Yannick Langlois

Les vases communicants

Dans la théorie physique de mécanique des fluides, le principe des « vases communicants » s'applique à des récipients reliés par leur base et démontre que, dans chacun, malgré leurs caractéristiques, la pression exercée par le fluide s'homogénéise. En d'autre terme, peu importe la forme du récipient, le niveau d'eau sera toujours le même.

Dans son texte éponyme de 1932, André Breton, lecteur de Freud, tente d'analyser sous cet angle ses propres rêves. Il se sert donc de ce principe pour établir les conditions d'une circulation permanente du rêve au réel et tend à prouver que l'un et l'autre se confondant, ils peuvent inaugurer une profonde transformation sociale.

C'est indéniablement dans cette équilibre tenu entre réalité économique et travail imaginaire que la pratique de Beatriz Toledo se situe. Avec *Les vases communicants*, elle retrouve dans ces principes de correspondance et d'équivalence une règle du jeu qui l'amène, pour la première fois dans son travail, à investir le champ des objets et leur agencement dans l'espace.

En regard de tirages photographiques marouflés au mur, issus de ses archives personnelles des dix dernières années, l'artiste produit une série d'assemblages d'objets et de rébus d'atelier, agencés avec attention.

Un aller-retour constant entre ses images d'archives et ses gestes de sculpture, où elle compose des saynètes précaires, *in progress*, dont l'instabilité, la modestie et la délicatesse sont autant de spéculations autour des notions de paysages, d'équilibre et de regard. Ici, elle explore, avec une certaine candeur, la question même de la définition de l'art, de son lieu de production à celui de son exposition.

Dans ce jeu d'analogie, elle place le regardeur dans un espace indécis et crée un vocabulaire qui devient propre à l'installation; à l'intérieur duquel les éléments réels comme ceux des prises de vues s'amuse à se parodier, se toiser pour finalement engager une conversation. Une installation-rébus en somme où se dessine, avec une certaine économie de gestes, les limites d'un territoire qui met à disposition les éléments d'un récit ou d'une histoire à reconstruire.

Yannick Langlois